

*Panis et Circus*  
*Aurélio Wander Bastos*\*

As políticas de pão e circo estão falidas, não mais basta o pão para os pobres e o circo para os alegres. O Brasil, senão o mundo, está colocado diante de uma das mais profundas contradições que sucederam à “morte das ideologias”, que inspiravam as demandas de classes sociais. Tradicionalmente, as ideologias traduziam as ações políticas e sociais que se institucionalizavam nas constituições e nas leis, mas que, não exatamente, respondem às demandas de grupos existenciais preocupados em viabilizar o respeito aos seus sentimentos íntimos ou às suas aspirações privadas de indivíduos, geralmente agregados em corpos de proteção: mulheres, negros, indígenas, homossexuais, deficientes, defensores do meio ambiente, adeptos do *software* livre e outros grupos emergentes.

Estes grupos minoritários, identificáveis numa listagem enorme, têm suas reivindicações próprias, muitos deles organizados em movimentos sociais que se não tem bases constitucionais ou legislativas buscam no Poder Judiciário o ambiente propício para encaminhar suas reivindicações, mais de natureza existencial, fugindo ao padrão jurídico clássico, onde têm encontrado respostas acauteladoras. Neste contexto, os movimentos sociais evoluem não propriamente em função de lutas ideológicas, ou demandas de sobrevivência, mas existenciais, onde não está em pauta interesses de classe, mas respostas a sentimentos íntimos, que emergem, a partir de situações concretas como demandas ambientais, disfunções sociais, ações constrangedoras de natureza religiosa ou de excessos de autoridades poderosas, como se viu no Irã, Iraque, Líbia e no Egito, e se vê na Turquia e no Brasil, todos países emergentes.

Esta inclinação dos movimentos sociais, ao renegar a velha política de “pão e circo” ou de simples empregabilidade ou de aumentos salariais no contexto da luta de classe, desconhecendo até as políticas de moradia e sustentação alimentar, ou até mesmo dos novos circos, mais estão comprometidas com a busca existencial da sua felicidade e não o conforto do cotidiano econômico. Estes grupos mais de realizam no exercício crítico da ação mobilizadora em busca de seus anseios pessoais, do que em função do ideário que as identifique com partidos ou lideranças centralizadas, tornando-se inalcançáveis.

Estas são as razões da mobilização, mas também o seu perigo, porque não são redutíveis a ideologias e partidos cada vez mais pulverizados ou a lideranças comprometidas com as políticas de Estado. Estes movimentos de natureza disforme mais se mobilizam pela ação das redes sociais através de mensagens *online* de origem indeterminada e de destino fragmentado, a partir de fatos que permeiam a sociedade como um todo, que não são exatamente expressivos dos seus próprios sentimentos, mas prestam-se para se articular às suas demandas existenciais. O alarde ou vandalismo não nasce dos grupos segmentados, mas da repressão organizada do Estado, contra o que eles próprios não identificam, porque não estão inseridos no quadro institucional do próprio Estado.

---

\* Advogado, Cientista Político, Professor Titular da UNIRIO.